

ENSAIOS



Dois filmes de António Pedro Vasconcelos

Jorge Jácome

Os Imortais (2002)

Ficção, 123' (Portugal)

Realização António Pedro Vasconcelos

Argumento António Pedro Vasconcelos, Tiago Santos

Direcção de Fotografia Barry Ackroyd

Direcção de Som João Calvário

Montagem Scott Thomas

Produção: Animatógrafo 2 , Samsa film - António da Cunha Telles, Jani Thiltges

Actores principais Joaquim de Almeida, Emmanuelle Seigner, Nicolau Breyner, Rogério Samora, Rui Unas

Principais prémios e exposições: Globo de Ouro – prémio melhor actor (Nicolau Breyner)

“Sempre me perguntei: se o cinema não serve para contar histórias, serve para quê? Isso aproxima-me do cinema americano. É a ficção que permite às sociedades interpretar as suas ansiedades, os seus receios. No fundo é o que nos salva. A grande ficção é purificadora, ajuda-nos a perceber o que são as boas e as más paixões, as boas e as más causas” (in Sol, revista Tabu nº 174, 8 de Janeiro de 2010). Esta afirmação de António Pedro Vasconcelos resume o cinema que o realizador tenta fazer em Portugal com subsídios estatais. *Os Imortais* tenta copiar o modelo de Hollywood. Os actores são todos conhecidos do grande público, sejam da televisão ou simples figuras públicas.

A história do filme é sobre um grupo de "comandos" formados no Ultramar, que se auto-denominavam "Os Imortais" e que decidem juntar-se para umas férias no Algarve, como fazem todos os anos. Para além do reencontro, o grande objectivo era o assalto de um banco. Pelo meio há uma mulher (Emmanuelle Seigner) que vai despoletar a separação do grupo. A pouco e pouco vamos conhecendo, mais pela acção do inspector Malarranha (Nicolau Breyner) do que pelas imagens que o realizador nos mostra do grupo, o que está por detrás do encontro anual dos quatro homens.

O ritmo do filme tenta ser acelerado, seja através da música, dos movimentos de câmara ou das conversas rápidas com palavrões (como se vê nos filmes americanos) com tiroteios e cenas de sexo. Tenta também mostrar um *glamour* a que o cinema está (ou estava) geralmente associado (pessoas ricas, casinos, festas) mas na versão que Portugal tem a oferecer (casino do Estoril, Algarve, mansões em Cascais). Mas também mostra o “outro lado”, oferecendo uma visão de uma portugalidade a que o nosso país está habituado: o bairro de Alfama, antigos polícias, pessoas do “povo”, o trauma pós-colonial. Todo o filme é feito destes “adquiridos” do grande público em que este não precisa de aprender (ou apreender) nada de novo.

Call Girl (2007)

Ficção, 145' (Portugal)

Realização António Pedro Vasconcelos

Argumento António Pedro Vasconcelos, Tiago Santos

Direcção de Fotografia José António Loureiro

Direcção de Som Pedro Melo

Montagem Pedro Ribeiro

Produção MGN Filmes - Tino Navarro

Actores principais Soraia Chaves, Ivo Canelas, Joaquim de Almeida, Nicolau Breyner

Principais prémios e exposições: Globo de Ouro – Melhor filme, melhor actor (Ivo Canelas), melhor actriz (Soraia Chaves)

Call Girl de António Pedro Vasconcelos foi, segundo dados do ICA, o filme mais visto de 2008 nas salas portuguesas. Sem percorrer os festivais de cinema mundiais, o filme, co-produzido pelo Brasil e por um canal de televisão independente (TVI), estreou em Portugal com distribuição assegurada pela Lusomundo com 55 cópias. Com um orçamento de 1.350.000 euros, conta a história de uma prostituta de luxo que está no centro de uma intriga policial com laivos de corrupção, inspirados na realidade portuguesa dos empreendedores imobiliários, autarcas e agentes da judiciária. *Call Girl* é assumidamente entretenimento e tudo nele trabalha para esse efeito.

O próprio cartaz de *Call Girl* vende o que o filme tem para vender: o sexo. Soraia Chaves, cara conhecida de um outro filme também financiado por uma televisão independente (*O Crime do Padre Amaro*, 2005) é a cara e o corpo principal do filme. A história do filme resume-se a Maria, prostituta de luxo, que é contratada para seduzir o Presidente da Câmara de Vilanova (Nicolau Breyner), na tentativa que este autorize a construção de um empreendimento turístico numa zona protegida de sobreiros no Alentejo. Entretanto, dois polícias da PJ (Ivo Canelas e José Raposo), descobrem os indícios de corrupção e começam a investigar o caso, quando um dos polícias descobre que Maria foi uma antiga paixão.

O público parece gostar dos filmes de António Pedro Vasconcelos, seja pela utilização de imagens e temáticas polémicas e apelativas à grande parte dos espectadores, seja pela publicidade e facilidade de acesso aos seus filmes: comprar o dvd, ver no horário nobre da televisão, alugar no videoclube perto de casa. Os espectadores dos filmes de António Pedro Vasconcelos são os mesmos que os da televisão. O que se exige num filme deste género é o que se pede num telefilme ou numa telenovela, do enredo à psicologia das personagens, à previsibilidade das situações. As grandes diferenças, ainda assim, são de carácter técnico: a imagem, o som, a *art direction*. Há um cuidado bastante visível nessas áreas, com bons técnicos a executá-las (não fosse este um filme que custou mais de um milhão de euros). Há um desejo de se fazer filmes próximos do que se faz na indústria em Hollywood, mas nos dias de hoje a linha entre a linguagem cinematográfica e a televisiva está cada vez mais ténue.